

*Via pasta especial*

GOMES - Antônio Carlos

n Campinas 11/7/1836 f de Manuel José Gomes b 19/7/1836

maestro compositor

Com Ernesto Meinelle abre curso de canto e piano aos 22/12/1858 *(Epm 35)*4/9/1861 no Rio sobe à sena "Noite do Castelo" *(Epm 35)*8/11/1861 recebe venera *(Epm 35)*

15/9/1863 no Rio estréia da ópera "Joana de Flandres" segunda ópera.

16/3/1870 estréia de "O Guarani" em Milão - Scala.

18/8/1870 chega a Campinas

2/12/1870 "O Guarani" no Teatro Lírico Prov. do Rio

4/2/1871 rege orquestra em Campinas - Teatro São Carlos

16/12/1871 casa-se em Milão com a pianista Adelina Péri

16/2/1873 estréia na Itália "A Fosca".

6/9/1878 nasce sua filha Ítala

27/3/1879 estreia na Itália "Maria Tudor"

17/9/1880 chega a Campinas

25/12/1885 execut<sup>se</sup> o "Coro Triunfal Progresso" composto para a  
ocasião, ao inaugurar-se a Grande Exposição Regional de Campinas

26/12/1885 espetáculo em benefício de Carlos Gomes

27/10/1889 no Rio estréia da ópera Lo Schiavo

14/11/1889 chega a Campinas na casa do irmão Sant'Ana Gomes

21/2/1891 no Scala de Milão a ópera Condor

19/10/1891 chega a Campinas

12/10/1892 no Rio estréia a "o oratório" Colombo

19/6/1894 primeira do Guarani em Campinas

16/9/1896 falece em Belém do Pará, *com 60 anos, 2 meses e 6 dias*

22/9/1896 exéquias na Matriz Nova

24/10/1896 chegam a Campinas os restos mortais

27/10/1896 funerais para a Capela dos Barões de Itatiba

2/6/1898 "Noite do Castelo" no teatro São Carlos

24/6/1901 Prefeitura cede terreno da Cadeia Velha para o monumento

Efemérides: 29 35 36 38 39 40 47 60 61 66 79 80 82 83 85

GOMES - Antônio Carlos (II)

29/6/1904 seus restos no monumento (Efm 87)

2/7/1905 inaugura-se o monumento

30/10/1910 inaugura-se o cine Teatro Carlos Gomes (Efm. 93)

7/9/1913 inaugura-se o jardim Carlos Gomes (Efm 96)

12/11/1926 Autorizado o Centro de Ciências guardar seu piano (Efm 103)

10/9/1930 com o "Guarani" inaugura-se o Teatro Municipal (Efm 105)

20/4/1956 Inaugura-se Museu Carlos Gomes (Efm 116)

17/3/1959 Teatro Carlos Gomes

Batizado 19-VII-1836 - L 11 fls 4v - (2º-assentamento)

Almanaque 1901 - 165

Monumento - Almanaque 1901 - 196 — idem 1900 165, 196

Almanaque 1908, fls. 112

Júlio Mariano - parte Índice.

Vez Mendes - José de Castro, seu artigo "Quatro Operas Campineiras"

"A Gazeta de Campinas" de 15-XII-1870 sobre o "Guarani"

Sobre seu monumento, veja "Monumentos e Estátuas". E Júlio Mariano 9-VII-1986

"Diário do Povo Viver-S"

## Itália vai mostrar Carlos Gomes

A Prefeitura da cidade de Milão, na Itália, onde Carlos Gomes viveu durante vinte e dois anos, vai realizar a partir de 11 de julho próximo, aniversário do compositor, uma grandiosa exposição sobre a vida e a obra do maestro campineiro.

A exposição será realizada no Palácio Sormani e terá como título "Antonio Carlos Gomes, do Brasil a Milão", sendo iniciativa operacional da Biblioteca Municipal de Milão.

Segundo o texto do convite para a inauguração da Exposição, o objetivo é lembrar o sesquicentenário de nascimento do maior compositor lírico do Brasil e um dos grandes nomes da música clássica das Américas.

## Correio Popular 26-VII-1964 Etemérides Campineiras

J. C. Mendes

26 DE JULHO

1781 — Da capela Provisória onde se rezou a missa fundamental da paróquia de Campinas trasladam-se para a igreja matriz as respectivas imagens.

Modesta, feita de taipas, a primeira igreja Matriz de Campinas ao ser inaugurada encontrava-se parcialmente construída, sem forro, assoalho, pulpitos e altares laterais. No seu interior até 1846, se-  
cultaram-se inúmeras pessoas gradas citando-se entre outras, Barreto Leme o fundador da cidade e sua mulher Rosa Maria de Jesus.

1953 — Realiza-se a benção

solene do Santuário de S. Antonio, na Avenida Saude.

27 DE JULHO

1859 — Num concerto instrumental realizado em São Paulo por Sant'Ana Gomes, Antonio Carlos Gomes e Henrique Luiz pela primeira vez executa-se o Hino Acadêmico composto pelo maestro conterrâneo Carlos Gomes.

8173 — Publicam-se os editais de concorrência para as obras de encanamento das águas do Tanquinho.

1943 — No Rio de Janeiro, falece o jornalista José Maria Lisboa Júnior nascido em Campinas a 29-4-1870, filho de José Maria Lisboa que militou na Gazeta de Campinas.

## Marcondes Filho

Para repor a verdade: a Semana de Carlos Gomes foi instituída, oficialmente, através de uma lei apresentada pelo então deputado estadual Marcondes Filho, em 1956. Quando todo o País vive o Ano de Carlos Gomes, é um crime imperdoável omitir a atuação do parlamentar campineiro - que, aliás, é autor de inúmeras iniciativas que engrandeceram Campinas.

16-VII-1986 "Diário do Povo"

Lei Flau...

# Homenagem à Carlos Gomes em Milão

A Prefeitura de Milão na Itália, para comemorar o sesquicentenário do imortal campineiro **Antonio Carlos Gomes**, promoverá a partir de amanhã no **Palácio Sormani** em Milão, uma grande exposição com o título **Antonio Carlos Gomes do Brasil a Milão**, numa bellissima iniciativa da Biblioteca Nacional de Milão. É oportuno que se informe, que Carlos Gomes viveu por vinte e dois anos em Milão, e é considerado o maior compositor lírico do Brasil, e um dos grandes nomes da música clássica das Américas.

"Diário do Povo"  
10-VII-1986

"Correio Popular" 9-II-1949

se vê, foi Carlos Gomes quem morreu mais moço: é que os anos de vidade glorioso autor da "Fosca" e do "Guarani" tinham sido mais intensos, mais agitados e mais consuntivos. A gloria tem imensos precalços e compromissos e agitações daquele homem trepidante, cerebro em permanente ebulição, tinham que consumi-lo, como consumiram, dando-lhe, na altura dos 60 años, uma fisionomia de octogenario, gasto, desalentado e succumbido nos escombros da sua gloria.

Não fosse, porem, o amparo moral e os estímulos que o irmão lhe dispensava desde a meninice, e é certo que o Tonico de Campinas teria baqueado varias vezes, em meio do caminho.

De Carlos Gomes existe uma variada e copiosa bibliografia; o numero de operas que escreveu, o renome que conquistou, o aperfeiçoamento que conseguiu em centros de consumada cultura musical e operistica, como foram os centros italianos em que fez o seu curso superior, fornecem um manancial opulento em que os estudiosos podem saciar-se com largueza. De seu irmão, porem, ha pouca coisa escrita: seu grande valor e o seu talento andam esquecidos, como, aliás, de tantos outros musicos nossos, que se fizeram pelo proprio esforço, vencendo a indiferença da gente do seu tempo e a espantosa pobreza dos elementos culturais de que poderiam socorrer-se. Entre esses coloco meu avô, Elias Alvares Lobo que foi, sem favor, durante uns bons trinta años, o mais acatado e severo compositor de musica religiosa de São Paulo.

Falarei, portanto, de Sant'Ana Gomes, o "manco Juca", como Carlos Gomes carinhosamente lhe chamava.

José Pedro de Sant'Ana Gomes nasceu em Campinas a 1.º de agosto de 1834. Nesse mesmo mês e ano e no dia 15, nascia Elias Lobo, em Itú. A musica brasileira iria contar, dentro de vinte años, com dois dos seus mais lídimos e fervorosos servidores.

2.ª PAGINA

## OS "GOMES" DE CAMPINAS - GRANDE FAMILIA DE MUSICOS

Sant'Ana Gomes e Carlos Gomes

*Transcrevemos hoje, com a devida vénia dos nossos confrades de o "Correio Paulistano", o brilhante artigo em que Pelágio Lobo evoca a figura dos Gomes, de Campinas.*

— II —

Quando Maneco musico já desfrutava em Campinas o conceito de primeira figura da sua arte, dono e regente da melhor corporação musical, os filhos, a principiar por José Pedro iam seguindo o rumo que o velho artista abria na sua frente. A orquestra, por ele formada, e à qual, por aquêle tempo, se incorporaram rapazes de uma outra familia campineira de notaveis aptidões musicais — os Monteiros — foi o campo de aprendizagem dos filhos e passou a ser a credencial da apresentação e popularidade de todos eles. José Pedro aprendeu a tocar violino e tornou-se mestre no instrumento; e dedicou-se tambem ao estudo da viola, instrumento orquestral que tinha raros cultores, mas indispensavel nos quartetos e quintetos de "musica de camera" a que o jovem grandemente se afeiçoara. E, ao passo que desenvolvia a técnica e a segurança nos dois instrumentos, tambem se consagrava, a trabalhos de composição musical. Eram poucos os elementos de estudo e aperfeiçoamento, de que dispunha, o que melhor dá a medida do talento e do esforço do musico provinciano. Quando Carlos Gomes, instigado e apoiado por José Pedro, veio a S. Paulo e daqui seguiu, em viagem estrada, para a Côte, com os estímulos que recebera dos estudantes de direito, encontrou na capital do Imperio e no seu Conservatorio dirigido por Francisco Manuel um ambiente mais elevado e mais ricos elementos de cultura. Sant'Ana Gomes por intermedio do irmão tambem se beneficiou dessa cultura. Aprofundou os estudos e melhorou a sua arte; continuou, porem, modesto, encolhido na sua cidade, entre a "sua" orquestrinha e os seus discipulos, e desdobrou-se em esforços para que o irmão, na Côte, concluísse o curso, despreocupado de dificuldades materiais.

É admiravel a abnegação de José Pedro pelo destino de Carlos Gomes, seu irmão de sangue e de arte, mas tão diferente dele em suas explosões incoerciveis, impulsivo, desigual, cheio de arrebatamentos e de quedas de desanimos.

Teve o conspicuo artista campineiro o destino marcado por uma estrela enganadora e funesta, que, mal lhe aparecia, a estimula-lo com planos risonhos, logo descam-

10-II-1949 "Correio Popular"

10-II-49 Correio Popular.

passava no fracasso e no luto. Quando Carlos Gomes triunfava na Italia, com a primeira representação do "Guaraní", José Pedro lá se echava a assessora-lo, a fazer-lhe companhia, a ouvi-lo em suas constantes queixas e desasossegos. Para lá tinha levado o filho mais velho, no qual punha suas melhores esperanças: pois o rapaz, apenas em início de uma carreira fecunda, morreu na Italia. Santana Gomes sofreu um golpe tremendo: mas nem por isso deixou de amparar o irmão que já entrára na intimidade de grandes nomes italianos. E', mesmo possível, por um desses inexplicáveis segredos da alma humana que, com a perda do filho, mais se entregasse à proteção e ao amparo moral do irmão.

Santana Gomes era o assistente paternal, tranquilo e paciente que, em todos aqueles transes — e em outros muitos casos de família — assumia o papel de consolador e conselheiro, investido de uma doce autoridade que dissipava incompreensões e azedumes.

Ao regressar para o Brasil — deixando para traz e para longe os centros milaneses, em que Carlos Gomes era festejado, glorificado, criticado por jornalistas, acatado por seus mestres, e amado com ardor por muitas mulheres, que se extasiavam diante daquela figura bravia de índio americano — ao regressar para o Brasil, fugindo àquele turbilhão e sem o filho que ficára enterrado na Italia — Santana Gomes só achou consolo na sua arte, e procurou, através de composições de uma rara delicadeza, desabafar suas íntimas amarguras. São assim os artistas de pólpa: a arte lhes dá, algumas vezes — muito poucas — a gloria; frequentemente lhes cria dificuldades e penuria; mas nas horas de abatimento é com ela que se consolam e arejam a alma. Na profusão de quartetos e quintetos que então compôs, e nos quais já se sente uma técnica segura, a dar forma correta à sua abundante inspiração, destacam-se uma "Ave Maria Stella", que compôs para a cerimonia inaugural da Matriz Nova, de Campinas, um quinteto, "Saudade", dedicado ao irmão e um quarteto, para cordas, dedicado a d. Pedro II, homenagens que tributava ao Imperador pelo amparo que este dispensára a Carlos Gomes, mantendo-o na Europa durante anos seguidos.

A musica de Santana Gomes não oferece trechos de arroubos, paginas brilhantes; é de inspiração delicada, com uma rara nobreza de fatura. Não foram os operistas italianos e alemães os seus modelos, mas os mestres da musica de camera, principalmente Mozart, de que ele se abeberou com uma especie de unção religiosa.

No trato com as pessoas que o procuravam — fossem musicos, fossem individualidades de prestigio, fossem meninos irriquietos — era ele do mesmo trato igual, de uma lhaneza, uma modestia, uma doçura, que rogava pela humildade. Quando o conheci já era um sexagenario, de compleição solida, corpo erecto, uma bela cabeça de artista, fronte larga, bigode raso e uma péra; o olhar, como que fatigado, só tinha chispas quando empunhava uma batuta. Sua fala sossegada, que Martins Fontes em decassilabo vibrante definiria como "os pausados cantares paullistanos" só se interrompia quando pigarreava com fumarradas de uns cigarros de fumo picado, envoltos em palha de milho, que lhe deixavam nos dedos a marca escura do sarro.

Conheci o maestro quando, fazendo eu o curso do 1.º grupo escolar de Campinas, residia ele em casa propria situada na rua Antonio Cesarino. Passava pelo portão de sua casa e dali prosseguia, frequentemente em companhia de seu filho Alfredo, meu colega, que regula comigo em idade e é hoje professor do Instituto Nacional de Musica do Rio de Janeiro. Varias vezes ali me detive, a convite do maestro que num trato macio interrompia seus trabalhos e composições, punha de lado a viola, seu instrumento predileto, a chamada "viola d'amor", ou violeta e entabulava conversação. Na casa, allás, não só o filho Alfredo, como as duas filhas, Alice e Alzira, que eram, então, bem moçinhas, tambem se destacavam por seus penhores musicais. Só o ultimo, Arlindo é que, pela sua pouca idade, talvez não tenha aproveitado as lições e ensinamentos do grande artista que era aquele velho pai.

Alfredo, concluido o curso no grupo escolar e apenas iniciado o curso ginasial, saiu de Campinas e foi fazer um curso de violoncelo na Universidade de Bruxelas. Era, desde sua juventude, acatado em Campinas como o mais brilhante artista do arco; penso que tenha feito seu aprendizado, a principio com o pai, e a seguir com o professor italiano José Brachetto, que em Campinas residiu longos anos. Santana Gomes faleceu em 1908, quando o filho Alfredo ainda estava na Europa: a sorte negou-lhe até esse derradeiro consolo de ver o segundo filho regressar com a laurea brilhantemente conquistada. Estranho destino!

Há, porém, outras passagens da vida de Santana Gomes, que conheço e serão objeto do proximo rodapé.

# OS "GOMES" DE CAMPINAS - GRANDE FAMILIA DE MUSICOS

Sant'Ana Gomes e Carlos Gomes

*Transcrevemos hoje, com a devida vénia dos nossos confrades de o "Correio Paulistano", o brilhante artigo em que Pelágio Lobo evoca a figura dos Gomes, de Campinas.*

— I —

Em principios do seculo XIX, um caboclo paulista, pele tostada de mestiço, testa ampla e olhar cismador, chamado Manoel José Gomes, nascido em Parnaíba, à beira do Tietê, largou do berço natal e veio para São Paulo, aprender musica com o "mestre" português André da Silva Gomes de Castro que para cá viera de Portugal com o 3.º bispo da nossa diocese, frei Manoel da Ressurreição. Este musico português, que por coincidência tambem era "Gomes", contratado para reger o côro da velha Catedral, afeiçoou-se ao caboclinho de Parnaíba e percebeu que ali despertava um belo temperamento musical que, com algumas lições estaria habilitado a vôos maiores na divina arte. Provavelmente o que esse mestre sabia e podia ensinar era pouco, o "quantum satis" para a regencia de um côro de Catedral em terras da colonia. Mas o aluno, com o preparo adquirido, largou, de novo, de São Paulo e foi estabelecer-se, na vila de São Carlos, que era o nome da futura cidade de Campinas. Ali casou, enviuvou, recasou, tornou a enviubar e tomou outras mulheres, pelo casamento ou pela simples vida comum e formou o tronco dos Gomes, ao qual iriam despontar, na sua primeira união, os filhos que maior renome lhe deram, isto é, o primogenito, José Pedro e o segundo genito, Antonio Carlos.

A este ultimo estaria reservado o destino de, com o nome curto de Carlos Gomes, dar lustre à familia e gloria à sua terra, alcançando a situação de primeira e incontestada figura da musica americana. Até o presente ninguem lhe disputou esse cetro. O primogenito, José Pedro de Sant'Ana Gomes, muito afeiçoado ao irmão, de quem fôra, nos primeiros anos, um companheiro vigilante, aceitou e assumiu, com bonomia generosidade, seus traços predominantes de caracter o papel de confidente, protetor e incetivador dos triunfos do irmão. Percebendo em Carlos Gomes no Tônico um talento viril, um carater cheio de arrebatamentos e explosões, com trabalhos que já denunciavam vôos de maior envergadura — colocou-se voluntariamente na penumbra, a fim de que o mano se projetasse com todo o esplendor que suas primeiras composições faziam prenunciar.

Manoel José Gomes, seguindo seus pendores artisticos formou em Campinas, ali por 1812, a primeira banda de musica; ocupava o tempo entre os trabalhos da musica no côro nas igrejas e adestrava rapazes e homens maduros para uma banda que ficou com o seu nome — a "banda do Maneco musico". Preparou, assim, duas corporações — uma que se encarregava de festas religiosas, a orquestra, e a banda que se encarregava de festas mundanas.

Entre os figurantes do seu elenco tinham que aparecer, mais tarde, seus filhos, quando Maneco, já velho, percebia em José Pedro e Antonio Carlos o vigor de uma nova geração, criada tambem no trabalho, mas já desfrutando facilidades que ele, menino, não conheçera. E José Pedro substituiu o pai na regencia e no comando dos musicos.

Mas não foram só os filhos varões que honraram, pela vida afora, os exemplos e os pendores da arte em que seu pai se consumira, grangeando os elementos com que sustentar a familia, duas outras filhas, Joaquina e Ana, completavam o grupo musical do modesto professor de Parnaíba. Quando se comemorou, no nosso Estado, em 1936, o primeiro centenario do nascimento de Carlos Gomes, essas suas irmãs ainda subsistiam: Nha Quina, residente em Ribeirão Preto, alquebrada mas lucida em seus 84 anos, e d. Ana, a caçula, em Campinas, com mais de 70 anos. Os homens já tinham morrido antes: Carlos Gomes, em Belem do Pará, a 16 de setembro de 1896 com 60 anos e Sant'Ana Gomes em Campinas, a 4 de abril de 1908, com 74 anos. Como

Correio Popular 9-II-1949

# História de duas urnas não passava de lenda

Já estava tudo quase preparado. Na Semana de Carlos Gomes, festa tradicional do mês de setembro em Campinas, o Centro de Ciências, Letras e Artes — que abriga o museu dedicado ao compositor — apresentaria à cidade, sua mais nova relíquia: a urna em que o corpo do autor de "O Guarani" teria sido trazido, de Belém do Pará para sua terra natal. Afinal, por muitos anos se acreditou mesmo que a urna mortuária tivesse sido substituída por outra, quando os res-

tos mortais de Antônio Carlos Gomes foram sepultados na cripta de seu monumento.

Mas, nessa semana, o diretor do Museu Carlos Gomes, o historiador Bráulio Mendes Nogueira, teve uma decepção. A história de duas urnas não passava de lenda. A única urna funerária do compositor está mesmo na cripta do monumento erigido pelo escultor Bernadelli, em 1904, na Praça Bento Quirino, no centro da cidade.

Foi exatamente para desfazer o mistério — e, se fosse o caso, resgatar a urna primitiva — que Bráulio Nogueira, mais os historiadores Teodoro de Souza Campos Júnior e Celso Maria de Melo Pupo, além de integrantes da família Ferreira Penteado estiveram no cemitério da Saudade. Eles cumpriram todas as formalidades legais para abrir o jazigo da família, onde está sepultado o Barão de Itatiba — Joaquim Ferreira Penteado — e onde se

## Corpo de Carlos Gomes ficou exposto por 3 dias

Nascido em Campinas, em 11 de julho de 1836, Antonio Carlos Gomes faleceu em Belém do Pará em 16 de setembro de 1896, depois de ter alcançado a glória e a fama na Europa. Mas sua terra natal exigiu o corpo, que foi transportado por navio, chegando à Catedral de Nossa Senhora da Conceição — na época conhecida por Matriz Nova — em 24 de outubro do mesmo ano. Na igreja, o corpo ficou exposto por três dias.

A família dos barões de Itatiba e de Ibitinga já possuía uma ampla capela, no Cemitério da Saudade e cedeu um dos carneiros, para abrigar provisoriamente os restos mortais do músico. Lá eles ficaram até 1904, quando a cidade prestou um tributo à memória de Carlos Gomes, oferecendo-lhe um monumento próximo ao marco zero de Campinas, no centro da cidade.

A história de que a urna sepultada na cripta do monumento não era a primitiva, mas uma substituta arrumada à época da transferência correu pela cidade durante um certo tempo, mas ganhou força mesmo em 1954. A família Ferreira Penteado fez o sepultamento de uma criança, filha de Roberto Ferreira de Camargo, na capela da família — que tem 40 carneiros para adultos e mais 28 para crianças.

Jorge Ferreira de Camargo — bisneto do Barão de Itatiba — conta o que aconteceu, du-

rante esse enterro: "quando estava aberto o carneiro, o coveiro Anibal Ferreira, disse que ali mesmo estava a urna de Carlos Gomes. Ele afirmou também que havia posto o caixãozinho da menina sobre a urna do compositor, mas que não tinha mexido nela".

### A LENDA

As palavras do coveiro deram força à lenda que já era comentada na cidade. Durante todos esses anos, a história somente aumentou: muitos acreditavam, realmente, na existência de duas urnas mortuárias. A primitiva teria trazido o corpo de Carlos Gomes de Belém para Campinas, e a definitiva teria sido providenciada quando se removeram os restos mortais para a cripta do monumento. Jorge Ferreira de Camargo diz que praticamente se esqueceu do assunto.

— Mas passados muitos anos, meu sobrinho Roberto tocou novamente no assunto. Pensei que seria uma boa oportunidade para que o Museu ganhasse mais uma relíquia. Requeiri à Prefeitura a abertura do jazigo, mas a Administração queria que fosse paga uma taxa. Falei para os historiadores que eu queria fazer uma doação, mas não concordava em ser lesado por isso.

Mas, recentemente, o administrador do Cemitério da Saudade conversou com o bisneto do Barão de Itatiba, lembrando que ele tinha feito o

requerimento para a abertura do jazigo. E depois de alguns entendimentos ficou acertado que isso poderia ser feito sem a cobrança de taxa, cumprindo-se apenas as formalidades necessárias. Jorge Ferreira de Camargo entrou imediatamente em contato com Bráulio Nogueira, Celso Maria de Melo Pupo e Teodoro Souza Campos Júnior, para confirmar sua presença na cerimônia.

Na terça-feira pela manhã, os três historiadores e membros da família Ferreira Penteado, além de administradores do Cemitério e da SETEC se reuniram na capela da família. Aberto o carneiro, foram encontrados apenas os restos das crianças e nenhuma urna a mais. Nem mesmo uma urna pequena, que segundo outra versão, teria ficado na capela, com alguns pertences do compositor.

Para Bráulio Mendes Nogueira, ficaram dois sentimentos: de alívio por saber que a história não precisava ser modificada, e de decepção porque o Museu não vai mais contar com a relíquia esperada. Fundado em 1956, por José de Castro Mendes e pertencente ao Centro de Ciências, Letras e Artes, o Museu Carlos Gomes já guarda o piano de cauda e a harpa de Carlos Gomes, além de várias batutas, inúmeras partituras (entre as quais trechos da original de "O Guarani"), correspondência pessoal e fotos do músico.

...dia estar uma outra urna mortuária de Carlos Gomes. Nada foi encontrado. Para decepção do diretor do Museu e alívio dos historiadores — que nunca acreditaram muito na versão da existência de duas urnas — no carneiro foram encontrados apenas os restos mortais de duas crianças, identificadas pela família. Foi encerrada a discussão de quase meio século, que dividia os historiadores da cidade, preocupados em cultivar a memória de seu maior compositor.

Correio Popular - 14-VI -  
1981

# Americanos querem as obras de Carlos Gomes

Enquanto cantores líricos, estudiosos e artistas tentam a todo custo preservar a memória de Carlos Gomes, cuja Semana de homenagens em setembro não tem ainda sequer uma comissão oficializada para desenvolver as atividades, nos Estados Unidos, onde Carlos Gomes foi uma única vez para reger "Lo Schiavo", existe uma companhia interessada em cultivar a sua memória.

Trata-se da Arcenciel Opera Company, cujo diretor geral, Earl Baker, está desenvolvendo um projeto denominado Fundo Antonio Carlos Gomes. A notícia foi dada ontem, pelo tenor Alcides Acosta, líder do Movimento Para Nossa Voz Queremos Vez, depois de receber uma carta de Carmo Barbosa, barítono brasileiro que está fazendo carreira em Nova Iorque.

Segundo Alcides, o The Arcenciel Opera Company pretende corrigir a ignorância da memória de Carlos Gomes, através da criação do Fundo, para promoção e produção do trabalho do compositor. Os planos dessa companhia é primeiro apresentar as óperas individualmente, na forma de concerto e obter daí uma gravação da ópera. Então, a partir do que já teria sido realizado, começaria a produção completa no palco que faria sua estréia na cidade de Nova Iorque e depois seria oferecida às companhias de óperas regionais e comunidades. Isso seria um adendo às suas temporadas oficiais, como "Apresentação Especial de Gala para Angariar Fundos", cuja arrecadação seria dividida entre a comunidade de ópera e o Fundo Antonio Carlos Gomes.

## Excursões

Este programa vai excursionar com estas produções ao Brasil, e outros países da América do Sul, África, Europa e Ásia. Na carta enviada por Earl Baker a Carmo Barbosa, ele diz que tem abordado as corporações norte-americanas para ajudarem o fundo, cuja meta inicial é de um milhão de dólares. "Invariavelmente, diz Baker, a primeira preocupação delas é a parcela de participação da comunidade e organizações brasileiras. Por isso, estamos procurando endosso e contribuições para este projeto, de membros da comunidade cultural brasileira, aqui e no Brasil".

Estas contribuições, segundo Baker, seriam dedutíveis no imposto de renda, cujo fundo é necessário para a montagem das óperas de Carlos Gomes. As contribuições recebidas serão depositadas no "Fundo Antonio Carlos Gomes" que será administrado por "The Arcenciel Opera Co." com uma diretoria composta por conselheiros selecionados que se dedicam a qualidade superior musical e por experts no campo da ópera.

Os recursos serão utilizados na compra das partituras musicais necessárias, na pesquisa da música de Carlos Gomes, no drama, no transporte necessário do material de pesquisa, nos libretos, na contratação de artistas qualificados do hemisfério oeste para fazer os papéis na montagem das óperas.



Carlos Gomes é pouco lembrado aqui, no exterior, não

## Verba pequena pode comprometer "Semana"

De concreto, até agora, com relação a Semana Carlos Gomes a ser realizada em setembro aqui em Campinas, existe apenas uma comissão indicada, mas ainda não oficializada, e uma irrisória verba de Cr\$ 500 mil. E a legislação determina que 180 dias antes da Semana, seja nomeada a Comissão.

Esse atraso sempre existiu, mas nunca foi tão grande quanto esse ano. E as pessoas interessadas em desenvolver um trabalho a altura do nome de Carlos Gomes, estão prati-

camente de mãos atadas para fazer qualquer projeto. Montar uma ópera já está quase fora dos planos, a não ser que hoje, depois do encontro que o Delegado Regional de Cultura, Fernando Dahma, mantiver com o Secretário da Cultura do Estado, João Carlos Martins, alguma coisa mude.

Caso contrário, talvez aconteça a mesma coisa que anos anteriores: algumas palestras, flores no monumento túmulo, um concerto da Sinfônica, e agora com o movimento dos cantores, talvez um recital lírico. E nada mais.

Desse modo, segundo a carta de Baker, será criada uma contínua participação de artistas brasileiros e outros artistas das Américas.

### Lamento lírico

O tenor Alcides Acosta apenas lamenta uma coisa: que tal iniciativa não aconteça no Brasil, mais especificamente em Campinas, a terra do compositor. "De certa maneira, diz Alcides, é triste a gente ver uma companhia americana interessada na memória de Carlos Gomes, quando esse interesse deveria partir daqui".

E esta iniciativa americana, segundo o diretor Baker, é uma oportunidade de ajudar a promover intercâmbio cultural num nível operístico, tão necessário nos dias

de hoje, "face às crescentes separações entre as nações e seus povos". E através das viagens com as produções que farão pela América, Baker acredita que a companhia estará proporcionando mais oportunidade aos artistas de se apresentarem, oportunidade de emprego aos artesãos e outras pessoas cujos trabalhos estejam relacionados com artes. "Desse modo, estaremos também unindo os laços culturais entre as nações do hemisfério oeste e através do mundo".

Quem estiver interessado em colaborar com o Arcenciel Opera Company, inclusive para informações, é só escrever para a "A. Carlos Gomes Fund", 430 East 72nd Street, Suite nbr 11, New York City, N.Y. 10021.

# Antônio Carlos Gomes - I

"Jornal do Povo" 10-VII-1986

José Alexandre dos S. Ribeiro

Neste ano de 1986 ocorre o Sesquicentenário (ou seja, os 150 anos) do nascimento, aqui em Campinas (que então era ainda - apenas - a Vila de São Carlos) do compositor brasileiro Antônio Carlos Gomes que, tendo nascido em 1836, morreu aos 60 anos, em 1896 (e, portanto, há 90 anos), em Belém do Pará, poucos meses após ter tomado posse, naquela cidade, do cargo de Diretor do Conservatório de Belém, por decisão e convite do então presidente da Província (isto é, Governador do Estado) do Pará, Lauro Sodré.

O que é curioso — mas também trágico — é que, enquanto, por exemplo, na Itália (e, especificamente, em Milão, que foi aquela que pode ser considerada como a “segunda cidade” de Carlos Gomes), as comemorações do Sesquicentenário do nascimento dele estão decorrendo ativamente, envolvendo instituições como a Rádio e Televisão Italiana (RAI), o Centro Cultural Italo-Brasileiro e o legendário Teatro “Alla Scalla”, ou nomes de personalidades musicais e/ou paramusicais como Maria Enterpe Gonçalves Nogueira (Diretora do “Centro Cultural Italo-Brasileiro” de Milão), o Maestro e musicólogo Giampiero Tintori, e o respeitado e maduro crítico musical Mario Morini — enquanto na Itália tudo isso acontece, dizia eu, aqui no Brasil, as páldas e subdesenvolvidas comemorações gomesianas que (finalmente) se comecem a esboçar, com a sonolência de sempre, ainda encontram provincianos e descabidos pontos de resistência, através da opinião de alguns críticos de “fundo de quintal” que, desde os remotos tempos de um desinfeliz “crítico” carioca do século passado, chamado Oscar Guanabarrino, procuram fazer fama no “arraial”, denegrindo Antônio Carlos

Gomes — cuja obra, via de regra, não conhecem — fazendo ridículos artiguetes sobre ele, e tentando convencer seus indigitados (e eventuais) leitores, de que Antônio Carlos Gomes é um compositor menor, sem nenhuma importância histórica nem estética.

Aliás, Carlos Gomes tem sido vítima, no Brasil, nestes seus 150 anos, de dois tipos básicos de **provincianismo lesivo**: o primeiro tipo é o que poderíamos chamar de **provincianismo implícito**, que se manifesta através daqueles que, desde os tempos das primeiras óperas de Gomes (feitas ainda no Rio de Janeiro, na década de 1960), numa época em que o ufanismo, ingenuamente romântico, ia de encontro até a necessidade político-administrativa do país recém-independente, de ter “valores nacionais”, que pudessem fazer “boa figura”, aqui e no Exterior, lhe fazem (desde então, e ainda hoje) os mais rasgados, emocionais e gratuitos elogios fátuos, que a nada levam, e que se podem resumir no infeliz epíteto de “o maior gênio musical das Américas” de que Carlos Gomes costuma ser “acusado”.

Já o segundo tipo de provincianismo lesivo de que Carlos Gomes (como, de resto, muitos outros compositores e artistas brasileiros em geral) tem sido vítima, e que chamaremos aqui de **provincianismo explícito** (e mais grave), é justamente o desses “pseudo-críticos-de-meia-tigela”, que denigrem Carlos Gomes, por insegurança decorrente da ignorância colonial, de que são vítimas.

Nem “o maior gênio musical das Américas”, nem o compositor incapaz que alguns querem fazer dele, Antônio Carlos Gomes precisa, finalmente, ser “descoberto”, estudado, editado, interpretado e ouvido — e, só então, julgado.

Mas disso falarei nos meus três próximos artigos.

# Antonio Carlos Gomes - II

## José Alexandre dos S. Ribeiro

Sem dúvida, é preciso ouvir Carlos Gomes, deixar que sua Música estimule nossa emoção artística, para depois julgá-lo.

O descaço do Brasil para com a Obra de Carlos Gomes (assim como para com todas as nossas questões artístico-culturais) é tão grande que chega a surpreender o fato de o transcurso do seu sesquicentário de nascimento estar, finalmente, mobilizando algumas atenções nacionais.

Vou fazer aqui, não só neste artigo, mas também nos dois próximos, algumas menções à Obra de Antonio Carlos Gomes, bem como a alguns meios de que os leitores se possam vir a servir para poder ouvi-la, ainda que parcialmente. Para isso, dividirei o assunto em três partes, abordando hoje o que chamarei de "obras menores"; no próximo artigo, as óperas e o poema vocal-sinfônico "Colombo"; e no último artigo da série falarei de música instrumental de Carlos Gomes.

É claro que estes três artigos não esgotam, nem de longe, o assunto, nem o razoável elenco de obras do nosso compositor. Mas, de qualquer forma, aludem ao essencial.

Do que estou chamando aqui de "obras menores" de Carlos Gomes, fazem parte, entre outras, suas peças para piano-solo, suas modinhas e suas canções.

Embora a bibliografia gomesiana (ou seja, o conjunto de livros já escritos e publicados sobre Carlos Gomes) já seja considerável (pelo menos para os padrões brasileiros), ainda não existe um catálogo definitivo de suas obras. Isso quer dizer que a qualquer momento, e em qualquer lugar, podem-se encontrar novas obras inéditas escritas por ele.

Quanto às peças para piano-solo, por exemplo, as que se conhecem são poucas, e não estão entre o mais importante de sua obra. Trata-se de pouco mais de uma dezena de pequenas peças de forma leve e estrutura simples, a maioria das quais há de ter sido feita antes da maturidade composicional do autor. Mas, inevitavelmente, todas possuem muita expressividade e cor-de-época, bem como a presença, desde logo, da ingente emocionalidade avassaladora de um típico artis-

ta hiper-romântico que foi sempre a grande marca de Carlos Gomes.

Embora essas suas pequenas peças pianísticas conhecidas sejam poucas, podem-se notar nelas, três características marcantes: o nativismo brasileiro, o "urbanismo de salão" e o intimismo de requinte mais europeu. Tais características estão claramente exemplificadas, respectivamente, na "Cayumba", na "Grande valsa de bravura" e no "Mormorio".

A "Cayumba" é uma típica "dança de negros" em forma de "chula" (dança musical popular, tão conhecida no Brasil como em Portugal, cheia de conotações sensuais) que, tendo sido editada em São Paulo em 1857, quando Carlos Gomes tinha 21 anos, faz dele o verdadeiro pioneiro da nossa música nativista, já que a "Cayumba" precede de 12 anos a publicação de "A Sertaneja" (1869) de Brazílio Itiberê, que costuma ser apontada, pelos nossos estabaneados historiadores musicais como, a primeira peça musical nativista do Brasil.

A "Grande Valsa de Bravura", cuja data de composição não se conhece, reúne as intenções virtuosísticas que o título faz supor, àquele clima típico de "música de salão", dos tempos do 2º Império (1840/1839).

Já o "Mormorio" que é, de longe, a melhor peça pianística conhecida de Carlos Gomes, é um "improviso" no mais legítimo estilo das miniaturas de Schumann e Mendelssohn e foi escrita já em 1871, na Itália, alguns dias antes do casamento de Carlos Gomes com a pianista italiana Adelina Peri.

Essas e outras peças pianísticas de Carlos Gomes, o leitor pode ouvir num disco lançado pela Funarte em 1981, intitulado "O Piano Brasileiro de Carlos Gomes", em ótimas interpretações do pianista Fernando Lopes.

Quanto à música vocal de câmara de Carlos Gomes, está ela representada por algumas modinhas e cerca de cinquenta canções com textos italianos e/ou franceses. São peças de grande poder de encantamento, com melodias sempre surpreendentes e achados rítmico-harmônicos nunca sem interesse.

Boa parte delas pode ser ouvida em dois discos que a gravadora da Unicamp vem de editar, com interpretações magistrais da soprano Niza de Castro Tank, acompanhada ao piano por Achile Picchi.

"Diário do Povo" 17-VII-1986

# Antônio Carlos Gomes - IV

## José Alexandre dos S. Ribeiro

As oito óperas mencionadas em meu artigo anterior, e que, com o poema vocal-sinfônico "Colombo", formam o fulcro central da obra musical de Antônio Carlos Gomes, devem ser divididas, pelo menos, em duas fases: a fase brasileira e a fase italiana. Tendo embarcado para a Europa, como bolsista do Império brasileiro, em dezembro de 1863, Carlos Gomes fez suas duas primeiras óperas ("A Noite do Castelo" e "Joana de Flandres") ainda no Rio de Janeiro, onde viveu de fins de 1859 até sua partida para a Europa, como aluno do professor italiano Gioacchino Giannini no Imperial Conservatório de Música, e ensaiador e regente da Ópera Lírica Nacional.

Essas duas primeiras óperas de Carlos Gomes eram, basicamente, o que foram as primeiras óperas brasileiras do século XIX: intuitivas, verdianas e "modinhas", com harmonias, via de regra, óbvias, ritmos diretos e simétricos e as letras nem sempre bem aclimatadas à música impregnada dos primeiros arroubos de Verdi. Mas, já se pode notar a imensa intuição dramática e o senso inato da melodia, que caracterizariam sempre a música de Carlos Gomes.

Os seus estudos na Itália, evidentemente, aprofundaram muito as noções que ele recebera no Brasil. Além disso, os três meses que Carlos Gomes passou em Paris, antes de chegar a Milão, fizeram-no descobrir a "Grand-opera" à francesa, de assuntos grandiosos, orquestra ativa e insinuante e bailados vigorosos e coloristas, cujos grandes exemplos estão nas principais

óperas do insinuante compositor francês da Alemanha que foi Giacomo Meyerbeer (cujo verdadeiro nome era Jacob Liebmann Beer). Suas óperas "Os Huguenotes", "Roberto, o Diabo", "Dinorah", e sobretudo "A Africana" (esta, uma ópera fantástica e espetaculosa, sobre um libreto de Scribe, centralizado na figura do navegador português Vasco da Gama), fizeram furor em Milão, nos anos que antecederam de imediato a estréia de "Il Guarany" (1870) que, sem dúvida, tem claras influências estilísticas e até estruturais de Meyerbeer, e sobretudo de "A Africana". O Verdi anterior a "Aida" (por sua vez, influenciado também por Meyerbeer, e até por "Il Guarany"), o Wagner sobretudo do "Lohengrin" (1850) (a cuja estréia italiana Carlos Gomes assistiu extasiado) e as propostas estéticas ultra-românticas do movimento artístico milanês que se conhece pelo nome de "Scapigliatura", compõem, com a "Grand-opera" francesa, o quadro de influências que geraram as óperas de Carlos Gomes, e que fizeram dele o autor do que de mais importante se compôs em ópera, na Itália, entre Verdi e o Verismo.

Das óperas de Gomes, existem três que Campinas não conhece: "Joana de Flandres", "Maria Stuart" e "Condor".

É uma pena que em vez de montar, ainda uma vez, "Il Guarany", que a cidade já conhece bem, o maestro Benito Juarez não tenha escolhido, por exemplo, "Condor", uma ópera original, que Carlos Gomes fez de uma assentada, em pouco mais de três meses, e que apresenta um conceito totalmente novo, para a Itália (e para o Brasil) da época, em termos de melodismo, além de uma orquestração refinadíssima.

# Monumento de Carlos Gomes depredado por estudantes.

Quatro estudantes da Unicamp destruíram parte do monumento-túmulo de Carlos Gomes, localizado na praça Bento Quirino. O ato de vandalismo ocorreu na madrugada de quinta-feira, apenas há alguns dias da Semana de Carlos Gomes, que se inicia hoje, de modo que não se podia garantir sua restauração à tempo. Embora tenham sido presos em flagrante, os rapazes foram logo liberados, pagando a fiança de Cz\$ 30,00.

Bêbados, os estudantes Marco Antonio Rodrigues de Santo André, Américo Canevalli Filho, de Tupã, Ricardo Otávio de Moura, de Ilhéus (Bahia) e João Batista de Lima, de Mairiporã, resolveram se divertir atacando e destruindo a parte inferior do monumento, que representa uma musa inspiradora tocando lira. Taxis-tas do ponto da praça testemunharam o vandalismo e rapidamente acionaram a polícia, indicando o rumo tomado pelos estudantes, que foram presos na confluência da rua General Osório, com a avenida Júlio de Mesquita.

Levados para o plantão policial do 1º DP, os rapazes foram soltos após pagar a fiança e serem autuados em flagrante por dano qualificado ao patrimônio público. O inquérito, após concluído, deverá ser encaminhado à Justiça e poderá resultar em pena de seis meses a três anos de prisão. A Secretaria dos Negócios Jurídicos da Prefeitura deverá entrar em contato com a polícia, para que se estude uma forma de penalizar os estudantes.

### Protestos

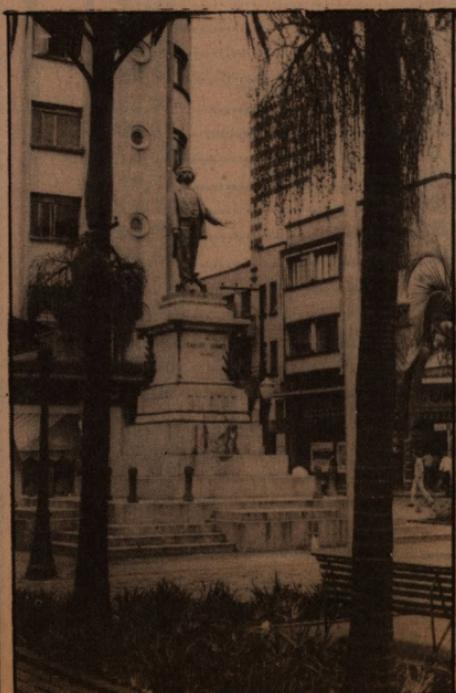
Confeccionada em bronze, a estátua inferior foi logo encaminhada para ser restaurada pela Secretaria de Obras. No entanto, as previsões eram pessimistas e o monumento poderá não estar inteiro para as homenagens ao compositor campineiro, que, contudo, serão realizadas do mesmo modo.

A atitude dos quatro universitários chocou o secretário de Cultura de Campinas, Antonio Arantes. In-

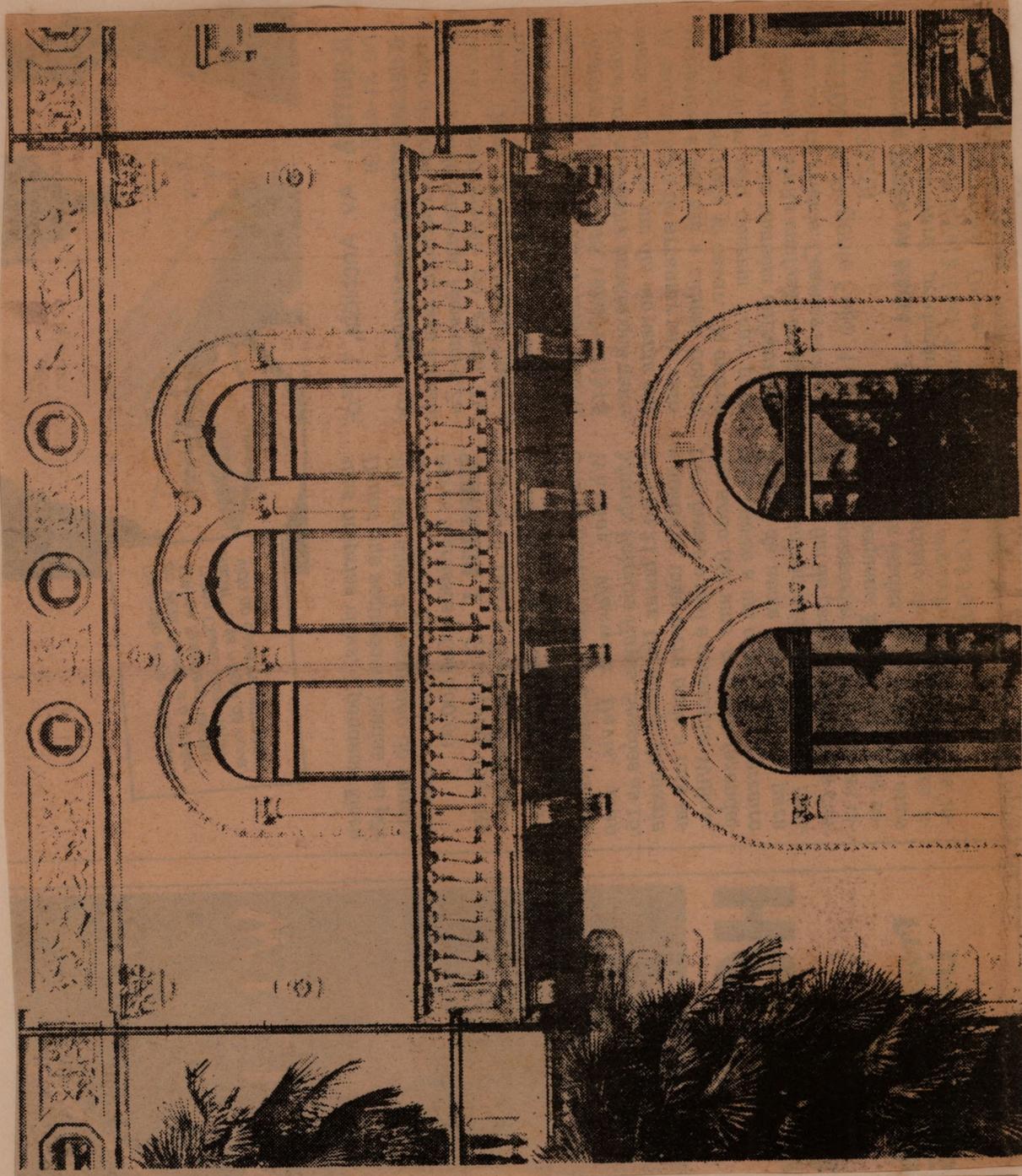
dignado, o secretário disse não compreender porque universitários, pessoas esclarecidas e que devem ser conscientes, depredaram um monumento. Outras entidades e pessoas ligadas à cultura manifestaram seu repúdio, inclusive a Associação dos Cirurgiões Dentistas de Campinas, através de seu diretor Cultural, José Francisco Duarte de Oliveira. De acordo com Oliveira, o ato dos estudantes "revela uma violência sem limites contra o monumento — túmulo de Carlos Gomes".

### Unicamp lamenta

Em nota oficial distribuída na sexta-feira, a reitoria da Universidade se manifestou, lamentando a participação de alunos no acontecimento. De acordo com o documento, "o comportamento dos referidos cidadãos não reflete de modo algum o pensamento de seus 13 mil alunos", não refletindo "tampouco o respeito e o apreço que esta Universidade mantém para com a cidade que lhe serviu de berço e em cujo contexto social se insere, o que pode ser demonstrado pelas numerosas iniciativas que vem realizando no campo da pesquisa e da preservação da memória e dos valores fundamentais da coletividade campineira".

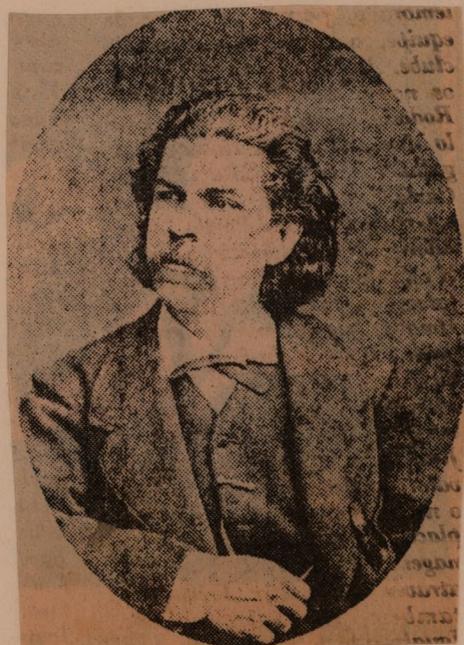


Bêbados, os quatro rapazes destruíram a parte inferior do monumento.



Villa Gomes, a antiga residência do compositor Carlos Gomes na Itália, se transforma em centro cultural que preserva sua obra

*Na mansão construída por Carlos Gomes em Lecco, Lombardia, não estão apenas registrados momentos de sua obra musical, mas instalado centro de estudos sobre o compositor*



# ESPAÇO DE CRIAÇÃO

ARQUIVO  
Celso Maria de Mello Pupo  
Campinas - SP.

Reynaldo Roels Jr.

**F**OI em Lecco, na Lombardia, que Carlos Gomes (1836-1896) fez construir seu palacete, batizado de Villa Brasília e onde ele reservou uma parte dos extensos jardins para as plantas que levou daqui para a Itália. Há cerca de um ano, o palacete foi rebatizado com o nome de Villa Gomes, em homenagem ao compositor brasileiro, depois de restaurado pela prefeitura de Lecco. É a riqueza italiana que começa a aparecer. Agora, transformado em centro cultural, o palacete tem seu espaço reservado ao estudo e divulgação da *scapigliatura* (movimento literário e artístico de meados do século 19, na Lombardia, do qual Gomes fez parte), e já foi visitado por autoridades brasileiras, como o governador do Estado do Rio, Moreira Franco.

Além de uma escola de música, a Villa Gomes abriga a Associazione Lecchese per la Cultura Musicale, cujo presidente, Roberto Sanfilippo, está de passagem pelo Brasil. Com 37 anos, "homem da política", filiado ao Partido Socialista Italiano, Sanfilippo veio para estabelecer contatos culturais com o Brasil, especialmente com a Universidade de Campinas, cidade onde nasceu Gomes e que hoje abriga seu museu. Recentemente, a Villa Gomes editou um livro, *Appunti*, contando a história do lugar, e mais: apresentou um recital inteiramente dedicado a obras do compositor, que, segundo Sanfilippo, não era ouvido há bastante tempo na Itália.

"Gomes foi o maior músico da *scapigliatura*, movimento paralelo ao Romantismo, e agora os amantes de sua obra podem retomar contato com ela ao vivo", diz Sanfilippo. "Era na belíssima Villa Brasília que ele mantinha o cenáculo artístico mais importante do movimento. Foi lá ainda que ele escreveu *Fosca*, e muito provavelmente *O guarani*, embora esta última eu não possa garantir." Carlos Gomes, a quem Verdi certa vez se referiu como "um verdadeiro gênio musical", pode bem estar no centro de mais uma das recuperações a que o século 20 tem assistido, especialmente com o esgotamento do repertório operístico tradicional. É o momento de abertura de novas frentes para preencher o "espaço da novidade":

"A cada 10 anos, há um redirecionamento das modas e dos interesses nos movimentos artísticos", afirma Sanfilippo. "Pode-se dizer, por enquanto, que a *scapigliatura* é um movimento que se pretende recuperar na Itália. E é algo que pode contribuir muito para a ópera na Itália, se der resultado."

Sanfilippo lembra que, no ano que vem, haverá uma grande exposição italiana aqui no Brasil, *Itália viva*, e que "este é o momento ideal para que se reforcem os vínculos entre o Brasil e a Itália, não só os econômicos, mas também os culturais, que hoje são inseparáveis nas relações entre os países. Uma coisa leva à outra."

Por enquanto, a Villa Gomes tem como principal projeto a formação do núcleo de estudos sobre o compositor e o movimento. O financiamento dos programas depende da iniciativa privada, já que o dinheiro que a prefeitura de Lecco dá à Villa "é todo absorvido pela Escola de Música, não restando nada para os projetos da Associação", explica Sanfilippo: "Mas o empresariado de Lecco está muito interessado em contribuir para os nossos projetos, e o prefeito de Milão já declarou sua vontade de nos dar apoio. Quando o prefeito de Milão faz uma declaração como esta é porque está falando sério."

Embora o arquivo de Carlos Gomes na Villa não seja muito grande, Sanfilippo afirma que a editora Ricordi, de Milão, tem uma grande quantidade de material do compositor. Ricordi, é bom lembrar, foi o principal nome da ópera italiana no final do século passado e início deste, exceto pelos compositores propriamente ditos, e foi quem garantiu o sucesso estrondoso de Puccini. Sanfilippo espera ainda assinar um convênio com a Universidade de Campinas, que permita ampliar os resultados dos trabalhos na Villa Gomes, com a vinda de estudantes ao Brasil e a ida de brasileiros a Lecco.

ARQUIVO  
Celso Maria de Mello Pupo  
Campinas - SP.

## Verdi e Carlos Gomes

Giuseppe Verdi e Carlos Gomes  
"Este jovem começa por onde eu termino"

Quando me aperfeiçoava como professor de canto no teatro Alla Scala em Milão, (documentação comprovante) sob a superintendência do dr. Antônio Ghiringhelli, em 1954, tive a oportunidade de folhear um exemplar da revista "alla Scala", editada por aquele teatro. Nele encontrei um artigo sobre os epígonos de Verdi, encabeçados por Carlos Gomes. Havia nele o que de autêntico dissera Verdi sobre o nosso Tônico: numa carta endereçada por Verdi ao advogado G. Pesetti, diretor da "Gazzetta Ferrarese" em 15 de maio de 1872, respondeu a uma pergunta desse sobre O Guarani: *assisti com grande satisfação minha à ópera O Guarani do colega Gomes e posso afirmar-lhe que ela é de corte primoroso, reveladora de uma alma ardente, de um verdadeiro gênio musical.* (Documento comprovante).

Note-se que Verdi usou as expressões colega gênio. Se considerarmos o seu caráter sabidamente reto, incapaz de maldosas ironias, de mesquinhas duplicidades, devemos aceitar sem reservas, que ele jamais teria declarado a respeito de Carlos Gomes: Este jovem começa por onde eu termino, frase essa dita por Rossini que de fato já havia parado de compor óperas, quanto a Bellini que começava a despontar no teatro lírico. (Documento comprovante), carta do escritor italiano, dr. Tintori, diretor do Museu alla Scala, respondendo a uma indagação minha a propósito, em 1986, ano do sesquicentenário de nascimento de Carlos Gomes.

(Valdo Braga)

## Um sonho recuperado

Luiz Paulo Horta



Roberto Sanfilippo, presidente da Associação Lechese para a Cultura Musical, está no Rio para dinamizar o intercâmbio com a Villa Gomes

mente. Da noite para o dia, ele estava famoso.

A Villa Brasília é o resultado dos grandes sonhos e esperanças que Carlos Gomes alimentou a partir daquele momento. O gênio desabalado e generoso, que os italianos viam passar na rua como um índio perdido na civilização, quis construir uma casa de verão na região dos lagos que lhe matasse um pouco a saudade do Brasil. Como tudo o que pensava era grandioso, a Villa tomou quase as proporções de um palácio. Diz um cronista da época: "Ali ele tinha reunido tudo o que lhe podia recordar o Brasil, procurando reconstruir um recanto da sua pátria longínqua. Nas gaiolas imensas voava uma quantidade enorme de pássaros brasileiros, famílias inteiras de papagaios e araras, Gritos estridentes de macaquinhos ressoavam nos jardins."

Lecco era um dos refúgios preferidos da intelectualidade milanese; e nesse ambiente luxuriante, Carlos Gomes gostava de promover eventos artísticos igualmente luxuriantes. A casa e as suas despesas foram um

dos fatores da sua derrocada financeira: que acabou trazendo-o de volta ao Brasil.

Ela ressurge, agora, depois de um longo abandono, como Escola Cívica de Música da Municipalidade de Lecco, beneficiada por um primoroso trabalho de restauração. Explicam os arquitetos Carlo e Attilio Terragni: "Em contraposição à idéia de uma suposta conservação integral, preferimos optar por um projeto que, levando em consideração a necessidade de criar novos espaços internos adotados às novas funções que Villa Brasília passaria a exercer, não alterasse as características originais do edifício e pudesse, ao mesmo tempo, constituir um importante testemunho do século passado."

Este é o projeto que agora pode ser admirado em seu estágio final — o de uma sofisticada escola de música que é também um centro cultural, e que, se já não tem papagaios nos jardins ou flechas indígenas pelas paredes, exibe, logo na entrada, duas grandes estátuas de Ceci e Peri, heróis do drama indianista com que Carlos Gomes abriu pela primeira vez à música brasileira as portas do reconhecimento internacional.

# Carlos Gomes e o rouxinol

JORGE ALVES DE LIMA

Proponho-me a analisar as homenagens prestadas ao maestro Antônio Carlos Gomes na ocasião de sua morte, em 16 de setembro de 1896 na cidade de Belém, capital do Estado do Pará. O evento emocionou e comoveu a Nação brasileira e como não poderia deixar de ser, repercutiu intensamente em Campinas, que se preparou com zelo para receber definitivamente o seu filho mais ilustre. O presidente do Estado, doutor Campos Sales, enviou à Câmara de Campinas um telegrama, cujo teor é o seguinte: "O senhor Presidente da República converterá o vapor 'Itaypu', em transporte de guerra, a ser comandado pelo capitão-de-fragata Cândido Floriano Barreto, a fim de conduzir o corpo de Carlos Gomes a Santos no dia 26 do corrente."

Enquanto isso, aproveitando-se da comoção nacional do povo brasileiro e, principalmente, do sentimento da comunidade campineira, os comerciantes de flores e de coroas travavam uma verdadeira guerra de propaganda mercantil para vender os seus produtos, como atestam os anúncios inseridos no *Diário de Campinas*, aqui reproduzidos na íntegra: "Grande Depósito de Coroas da Afamada Casa Roseuwall do Rio de Janeiro. Convida-se todas as co-



missões das exéquias do ilustre maestro Carlos Gomes e ao povo em geral a chegar à chapelaria de Alberto Schack e Companhia, à Rua Francisco Glicério, 35, a fim de verem a grande exposição de coroas de apurado gosto recebidas exclusivamente para este fim. Preços sem competidor."

"Funerais a Carlos Gomes. Coroas! Henrique de Barcellos S. Ferreira participam ao público de Campinas que aceitam desde já encomendas de Coroas para os funerais do imortal compositor campineiro e asseguramos maior modicidade em preço."

Por aí vê, caro leitor, que naquela época também, como agora acontece, a sordidez humana revelava-se em toda a sua plenitude, procurando usar o sentimento dos outros para amedrontar dinheiro e lucro como fizeram, recentemente, com a morte de Tancredo Neves.

Todavia, a natureza, os pássaros, as matas e as florestas, musicalmente retratadas no *Il Guarany*, souberam homenagear seu grande amigo e intérprete.

E isso se revelou com rara poesia e de maneira maravilhosa e impressionante, quando ainda na Catedral do Pará, foi rezada a missa de réquiem de corpo presente do genial maestro, como notícia do citado *Diário de Campinas*, reproduzindo matéria do jornal *Província do Pará*, aqui transcrito:

"Quando as exéquias iam ao meio, penetrou, na Catedral um rouxinol brasileiro, ou cardal como é mais conhecido. O belo pássaro esvoaçou às tontas em torno do catafalco, pousou sobre a cruz que encimava o monumento funerário e várias vezes desferiu um navioso trinado. Compreende-se a surpresa que causou no côro das homenagens ao maestro, o concurso de um dos cantores das florestas cujas vozes Carlos Gomes tão bem traduziu no *Guarany*. O rouxinol demorou-se dez minutos no templo e saiu com vôo alto pela porta principal da igreja."

Esse acontecimento extraordinário repetiu-se com pequena diferença no sepultamento em Campinas como iremos ver no seguimento desses artigos.

Jorge Alves de Lima é advogado da Prefeitura Municipal de Campinas

"Correio Popular" 24.VII.1993